

O PLAYBOY

TOP
SEL
LER

Ele é um homem
que sabe o que quer:
nada de romance,
só noites escaldantes!

N.º 1 do New York Times

VI KEELAND

Mais de um milhão de livros vendidos

*O importante na vida não são as grandes vitórias,
mas sim a pessoa a quem telefonas primeiro
a dar a notícia.*

Um

Natalia

— **A**chas que há alguma correlação entre ser-se inteligente e ser-se bom na cama? — Aspirei os resquícios do charro, contive o fumo nos pulmões, e passei-o à minha melhor amiga. Pelo menos desta vez não me engasgara nem ficara cinco minutos a tossir. Nenhuma de nós fumava erva desde o secundário, há uns dez anos, por isso, pareceu-nos oportuno assinalar o final da nossa infância acendendo o charro que a Anna confiscara ao irmão de 16 anos, no dia anterior.

— Estou prestes a casar com um homem que cria robots capazes de aprender a pensar. É claro que te vou dizer que os tipos inteligentes são melhores na cama. Repara, o Derek resolve um cubo de Rubik em menos de 30 segundos. Uma vagina é muito menos complicada.

— O amigo dele, o Adam, é um amor, mas ficou uma hora a falar num algoritmo qualquer que está a criar para um robot com inteligência artificial chamado Lindsay. O meu único contributo para a conversa era ir dizendo alternadamente «uau» e «*fascinante*». Importas-te de dizer ao Derek que tem de arranjar amigos mais estúpidos?

A Anna aspirou o fumo e tentou falar enquanto o travava, o que lhe elevou a voz duas oitavas.

— Ele tirou o curso no MIT e trabalha numa empresa de tecnologia onde dificilmente se encontra gente estúpida. — Deu-me um encontrão

no ombro. — É por isso que preciso que te mudes para cá. Não suporto estar sempre rodeada de gente tão inteligente.

— Que querida — disse eu, suspirando. — Pelo menos o Adam é fofo.

— Quer dizer, então, que esta noite vais acabar com a tua travessia do deserto?

— Talvez amanhã à noite, depois do casamento — disse eu, com um sorriso afetado. — Se tiver sorte. Ainda estou no fuso horário de Nova Iorque. Quando logo estiverem a servir a sobremesa, já eu vou estar preparada para me enfiar sozinha na cama.

Eu e a futura noiva estávamos escondidas dos restantes convidados do jantar de ensaio pré-nupcial, no pátio do restaurante, atrás de um treliça coberta de heras. Subitamente, fomos interrompidas por uma voz grave e gutural. O susto foi tal, que quase atirei com a porcaria da treliça ao chão.

— Com que então, *se tiver sorte*. Será ela tão boa pela frente como parece por trás, ou não passa de uma convencida?

— Mas quem... — Virei-me e vi um homem vir ao nosso encontro, na escuridão. — Porque é que não te metes na tua vida?

O tipo deu mais alguns passos e entrou na área iluminada pelo foco de luz por cima de nós, que eu e a Anna tínhamos tentado evitar. Por pouco não me saltavam os olhos das órbitas. O homem era lindo. Era alto, muito alto mesmo. Eu tinha um metro e sessenta e cinco, estava com saltos de treze centímetros e, mesmo assim, tive de inclinar o pescoço para olhar para ele. Tinha cabelo escuro, extremamente sensual, que parecia estar a precisar de um corte, mas que lhe ficava a matar. Pele bronzeada, um queixo perfeito, quadrado, e o rosto ligeiramente escurecido pela barba que lhe devia crescer em duas horas, tal era a dose de testosterona que emanava. Tinha uns olhos azuis-claros que contrastavam com a pele morena e pequenos pés de galinha nos cantos dos olhos, o que me levou a pensar que sorria muito. E *o sorriso*? Não era propriamente um sorriso aberto. Era um daqueles sorrisos enviesados, de gato depois de devorar um canário.

Era um pacote difícil de digerir de uma vez. Eu fiquei sem palavras, mas a Anna pendurou-se no pescoço dele.

Tive esperança de que ela o conhecesse efetivamente e que não o estivesse a fazer apenas por estar mais pedrada do que eu imaginava.

— Hunter! Conseguiste vir.

Uau.

— Claro que consegui. Não perderia o casamento do meu melhor amigo contigo, miúda. Desculpa ter chegado tão tarde. Fui a Sacramento, em trabalho, e tive de alugar um carro para regressar, pois cancelaram o meu voo desta tarde.

Nessa altura, o belo intrometido concentrou-se em mim e olhou-me lentamente da cabeça aos pés, o que achei terrivelmente grosseiro mas ainda assim sedutor. Os meus mamilos endureceram ao ver uma espécie de anoitecer brumoso escurecer-lhe os olhos cor de céu, enquanto me varria com o olhar.

Quando terminou, os nossos olhares cruzaram-se.

— É mesmo.

Hum?

Ao ver a confusão estampada no meu rosto, ele resolveu finalmente esclarecer-me.

— És tão boa pela frente como por trás. Tens razão. O tipo com quem estás a planear dormir, hoje à noite, é um homem cheio de sorte.

Eu fiquei boquiaberta. Mal podia acreditar no atrevimento daquele tipo... ainda assim, começava a sentir um formigueiro na pele.

— *O Adam* é o acompanhante dela no casamento — explicou a Anna.
— E ela tenciona dormir com *ele* amanhã à noite.

O Hunter estendeu-me a mão com um aceno de cabeça.

— Hunter Delucia. Tens nome, linda? Ou deverei chamar-te apenas a queca do Adam?

Por qualquer razão, algo no meu íntimo me dizia que não seria boa ideia dar-lhe a mão, que os nossos corpos não se deveriam tocar uma única vez, porém, foi o que fiz.

— Nat Rossi — disse eu, estendendo-lhe a mão.

— Nat. Isso não é um diminutivo qualquer?

— Sim, é o diminutivo de Natalia, mas ninguém me trata dessa forma. Ele voltou a sorrir.

— Muito prazer em conhecer-te, *Natalia*.

Não me largou a mão e voltou a dar atenção à Anna.

— E por que razão o par da bela Natalia é o Adam e não eu?

A minha amiga conteve uma gargalhada. Estava decididamente pedrada.

— Porque vocês os dois matavam-se um ao outro.

A resposta pareceu agradar-lhe, e ele voltou a olhar para mim de sobrolho franzido.

— Ah, sim?

Eu senti uma descarga elétrica entre nós, embora algo me dissesse que provinha de um relâmpago de uma qualquer tempestade. A última vez que alguém me abalara tanto fisicamente fora na altura em que conhecera o Garrett. O meu frágil coração ainda mostrava mazelas desse relâmpago.

— Lembras-te de quando o irmão do Derek, o Andrew, perdeu o emprego e estava com dificuldade em socializar? — perguntou-lhe a Anna. — Quando começou a passar demasiado tempo em casa e eu receei que ele se tornasse agorafóbico?

— Sim, lembro-me — disse o Hunter. — Já foi há alguns anos.

— Eu sugeri que ele arranjasse um terapeuta para o ajudar a ultrapassar aquele momento difícil e os medos que tinha. O que é que tu me respondeste, na altura?

— Disse que tu estavas maluca e que o que ele precisava era de um valente pontapé naquele rabo preguiçoso e de um emprego.

A Anna sorriu.

— Aqui a Nat é terapeuta comportamental e visita pessoas com transtornos de ansiedade, ajudando-as a quebrar os hábitos que lhes provocam stress.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Isso existe?

Eu libertei a minha mão da dele.

— Existe. Trabalho sobretudo com pessoas com transtornos obsessivo-compulsivos.

— Quem diria? Julgava que estavam a inventar isso.

— O Hunter é construtor — prosseguiu a Anna. — É responsável por grandes projetos, como centros comerciais, por exemplo. O tipo de

projetos em que é necessário abater todas as árvores no terreno para construir um quilómetro e meio de lojas *Gap*, *Baby Gap* e *Abercrombie*. Foi ele quem construiu aquele que ocupou uma parte do parque onde costumávamos ir em crianças, na alta da cidade — o Medley Park. Ele e o Derek cresceram juntos. Não se veem muito porque o Hunter viaja durante meses pelo país, para tratar dos projetos dele.

O Sr. Borracho Alto e Moreno parecia orgulhoso do seu currículo.

Eu dirigi-lhe um sorriso meloso.

— Eu adorava aquele parque. Lindo serviço: aumentaste a pegada de carbono do Upper East Side e degradaste o meio ambiente.

— Com que então temos uma ambientalista? Parece que a Anna tem toda a razão. É bem provável que nos matássemos um ao outro se nos juntassem.

— Hum... Apetece-me *cheesecake*. Tens sede? Tenho tanta sede.

Sim, a Anna estava decididamente pedrada.

— Ainda nem sequer jantámos — referi eu.

— Que importância tem isso? Vamos buscar uma sobremesa. Anda! — disse ela, lambendo os lábios e entrando no restaurante sozinha.

O Hunter riu-se baixinho.

— Foi um prazer conhecer-te, Natalia. Se as coisas não resultarem com esse chato do Adam, eu estou no quarto 315. — Piscou-me olho e inclinou-se para me segredar ao ouvido. — É possível que nos matemos um ao outro, mas eu não me importava de bater a bota enquanto dava uma contigo.

— Estes lugares estão ocupados?

Eu e o Adam estávamos mesmo a terminar a sobremesa quando o Hunter se aproximou e apontou para duas cadeiras do outro lado da mesa. O casal que as ocupara saíra poucos minutos antes.

— Estão — menti eu.

O Adam teve a gentileza de me corrigir.

— Na verdade, o Eric e a Kim estavam aí sentados, mas eles despediram-se há uns minutos, lembrás-te, Nat?

Um sorriso de regozijo cresceu no rosto do Hunter. Ele puxou uma cadeira para a sua acompanhante e sentou-se à minha frente.

— Esta é a Cassie, uma deusa da tecnologia, licenciada na Caltech. Já conheces o Adam, Cassie?

Aquilo despertou o interesse do Adam.

— Cruzámo-nos brevemente esta tarde, mas eu não me apercebi de que trabalhava na área de tecnologia. Eu licenciiei-me no MIT e trabalho com o Derek na Clique, em programação de robótica.

A conversa entre o Adam e a Cassie embalou como um comboio desgovernado. Nenhum deles reparou sequer na expressão furiosa que dirigi ao cérebro daquele arranjinho digno do paraíso dos *nerds*.

Eu inclinei-me para a frente e sorri, dizendo-lhe entre dentes cerrados:

— Eu sei o que tu estás a fazer.

O Hunter recostou-se na cadeira, sorrindo de orelha a orelha com um ar arrogante.

— Não faço ideia do que estejas a falar.

— Não vai resultar.

— Como queiras. Mas, se precisares de um substituto mais tarde, eu estou aqui.

Eu bebi o resto do café que tinha na chávena e compus o vestido à frente, revelando uma generosa parte dos seios. Depois, tirei o meu guardanapo de cima da mesa, deixei-o cair discretamente no chão, peguei no garfo e enchi-o com uma pequena porção de *cheesecake*, que deixei cair *acidentalmente* no decote.

O Hunter observou toda a encenação com interesse.

Eu inclinei-me para o Adam e agarrei-lhe o braço.

— Tens um guardanapo? Devem ter levado o meu quando levantaram os pratos do jantar e acabei de me sujar.

Como bom cavalheiro que era, o Adam pediu licença para interromper a conversa e virou-se para me dar atenção. Assim que o vi baixar os olhos para o *cheesecake*, percebi que ganhara. Depois, deixei que o cro-mo tecnológico me limpasse com um sorriso absolutamente triunfante. A expressão carrancuda do Hunter soube-me a vitória.

Para ser franca, concluíra, durante o jantar, que não dormiria com o Adam, pois precisava de sentir alguma química com um homem,

mesmo tratando-se de sexo ocasional. Ainda assim, deu-me gozo chatear o Hunter.

— Sou uma desastrada quando estou cansada — disse eu ao Adam.
— Ainda me sinto no fuso horário de Nova Iorque. Acho que vou voltar para o hotel.

— Eu acompanho-te — retorquiu ele. *Qual Cassie, qual carapuça.*

O Hunter não desistia facilmente, tenho de admitir.

Ele levantou-se.

— Eu tenho o carro aqui e posso dar-vos boleia. Estás pronta para ir embora, Cass? Estamos os quatro hospedados no Carlisle, suponho?

Eu dirigi um sorriso cintilante ao Sr. Persistência e dei o braço ao Adam.

— Eu tenho um carro alugado, por isso eu e o Adam não precisamos de boleia. Mas agradeço-lhe muito a oferta, *Tanner*.

— Hunter.

— Certo — disse eu com um sorriso.

O hotel ficava apenas um quilómetro e meio mais acima. Ao entrarmos, vi algumas caras conhecidas no bar do átrio — amigos do noivo, sobretudo. A festa parecia ter passado do jantar de ensaio pré-nupcial para o hotel. Quando passámos, um dos tipos gritou ao Adam que se juntasse a eles para tomar uma bebida.

Ele olhou para mim antes de responder.

— O que me dizes? Apetece-te uma última bebida?

— Por acaso, estou derreada... com a diferença horária e tudo o mais... Mas vai e diverte-te.

— Tens a certeza?

— Absoluta. Creio que vou adormecer antes de pousar a cabeça na almofada.

O Adam abraçou-me brevemente para me dar as boas-noites, e eu dirigi-me para o elevador, sozinha.

E estava, de facto, exausta. A Anna e o Derek tinham reservado suites no último andar para os convidados que vinham de fora da cidade, e eu

esquecera-me de que tinha de passar a chave do meu quarto na pequena ranhura do painel do elevador para ter acesso a esse andar. Depois de carregar no botão várias vezes, apercebi-me finalmente disso e comecei a procurar o cartão na mala. Estava ainda entretida, quando ouvi aquela voz:

— Natalia.

Virei bruscamente a cabeça e deparei-me com o Hunter a sorrir como um imbecil.

— Tu...

— Eu mesmo — disse ele.

Olhei para trás da sua figura imponente e espadaúda.

— Onde está a tua acompanhante?

Ele piscou-me o olho.

— Deixei-a no bar com o teu acompanhante, para que se possam conhecer melhor.

— Não te vais sentir só? — disse eu, num tom sarcástico.

— É possível, mas ocorre-me uma forma de resolver isso.

— Não me digas que vais resolver o assunto pelas tuas próprias mãos?

Encontrei, finalmente, o cartão dentro da minha mala desorganizada. O Hunter riu-se baixinho e tirou-mo das mãos, introduzindo-o na ranhura. *É claro* que estávamos no mesmo andar, visto que fazíamos parte do mesmo casamento. Quando as portas se fecharam, o elevador pareceu-me, subitamente, muito pequeno, e o facto de o Hunter nem sequer se virar, quando começámos a subir, não estava a ajudar. Ele estava virado para mim, demasiado perto, e o meu corpo estava claramente a reagir a essa proximidade.

— Não te sabes comportar num elevador? — perguntei eu. — Vira-te e olha para os números, como qualquer pessoa normal.

— Porque haveria eu de perder o meu tempo a olhar para os números, quando a vista é muito mais agradável nesta direção?

— Eu não vou dormir contigo, tens noção disso?

— Porque não? Ias dormir com o Adam.

— Isso é diferente.

— Como assim?

— Eu já conhecia o Adam. Ele é um tipo decente.

— Eu também sou um tipo decente.

— Mas eu não te conheço.

O Hunter enfiou as mãos nos bolsos:

— Hunter Delucia, 29 anos, solteiro. Nunca casei e não tenho filhos. Frequentei a Berkeley, onde me licenciiei e tirei um mestrado em Engenharia Arquitetónica. Cresci paredes meias com o Derek, de quem sou amigo desde que ambos andávamos de carrinho de bebé. Ele poderá confirmar que eu sou um tipo decente. Tenho uma casa com a hipoteca paga em Idyllwild, a cerca de uma hora da casa dos pombinhos. Fui eu que a construí, e tenho imensas árvores na minha propriedade, o que me deverá valer mais alguns pontos, já agora. Fui à minha última consulta médica há um mês, e estou a vender saúde. E o mais importante... — Deu mais um passo na minha direção, até ficarmos praticamente encostados um ao outro. — Acho-te extremamente sexy. Há uma química incrível entre nós e eu acho que devíamos explorá-la.

Engoli em seco. Felizmente, o elevador retiniu e as portas abriram-se no último andar. Eu precisava desesperadamente de um pouco de ar que não cheirasse a Hunter Delucia, por isso desviei-me daquele deus grego e saí. Ele saiu imediatamente a seguir. Quando percebi que estava a andar na direção errada, parei repentinamente e ele chocou contra mim. O Hunter amparou-me, fincando os dedos nas minhas ancas, para eu não cair para a frente.

— Eh, lá. Tudo bem?

— Mas o que é isto? Quase me atiraste ao chão.

— Tu paraste de repente.

— Se não me viesses a cheirar o rabo, não terias chocado comigo.

Continuávamos a meio do corredor e ele continuava a agarrar-me firmemente pelas ancas... o que me estava a saber *lindamente*. Meu Deus, há *mais de dois anos* que não sentia aquilo. Era muito tempo.

Os seus dedos apertaram-me um pouco mais. Ele baixou a cabeça e sussurrou-me ao ouvido:

— Cheiras incrivelmente bem.

O contacto com os seus dedos estava a incendiar-me. Fechei os olhos. *Hum, ele e o Derek são amigos desde miúdos. Talvez ele não seja mau tipo. Talvez...*

Felizmente, o outro elevador impediu-me de fazer um disparate. Alguns amigos do Derek saíram do elevador, mas não pareceram reparar no que estava a acontecer entre mim e o Hunter.

— Viva, Delucia! — disse um deles, colocando-lhe um braço à volta do ombro. — Shots no nosso quarto!

Consegui impor a mim própria um pouco de juízo e aproveitei a oportunidade para me escapar, afastando-me praticamente a correr na direção do meu quarto. É claro que tinha de ser o último, ao fundo do corredor. O Hunter chamou por mim, enquanto eu tentava atrapalhadamente abrir a porta, mas ignorei-o e entrei a correr no quarto. Depois, encostei-me à porta e suspirei de alívio.

O que raio estou eu a fazer? Vê se te controlas, Nat. Fugir literalmente de um homem em vez de declinar a oferta ou mandá-lo passear? Algo naquele homem me estava a deixar inquieta e nervosa... como se *precisasse* realmente de fugir dele.

Dei um salto ao ouvir bater suavemente à porta à qual continuava encostada.

— Natalia.

Por que raio tinha ele de me chamar Natalia?

— Estou a dormir.

Ouvi-o a rir-se baixinho.

— Queria apenas dizer-te que o meu quarto é mesmo ao lado do teu. Até o pessoal do hotel acha que devíamos dormir juntos.

Abanei a cabeça, mas sorri.

— Boa noite, Hunter.

— Boa noite, Natalia. Mal posso esperar por te ver amanhã.

Dois

Natalia

Havia uma série de pessoas a cuidar da futura noiva. Ouvia-se o Jack Johnson a cantarolar, e a enorme suite nupcial cheirava a lilás — a fragrância favorita da Anna. Eu estava sempre à espera de a encontrar ao virar da esquina, quando passava pelo bairro das floristas, em Nova Iorque, durante a primavera.

Ao ver-me entrar, ergueu-me uma flute de champanhe enquanto me fitava através do reflexo no espelho.

— Vou casar-me, porra!

Normalmente, tudo o que tivesse que ver com casamentos despertava o meu lado mais amargo e pessimista, mas, por empatia para com a Anna, decidi reprimir esse tipo de sentimentos. Tirei-lhe o copo da mão e retribui-lhe o sorriso.

— Vais casar-te, porra!

O cabeleireiro que lhe estava a tratar do cabelo sorriu e abanou a cabeça.

— O que queres que te diga? Isto é tudo gente fina — disse eu.

Dentro de duas horas, a minha melhor amiga subiria ao altar para se casar com um cromo dos computadores, rico e jeitoso, capaz de beijar o chão que ela pisa. Uma união em tudo diferente da fraude que fora o meu casamento.

— Eu vi o Hunter seguir-te quando saíste, ontem à noite — disse a Anna. — Pobre Cassie, mal conseguia acompanhá-lo, tal era a ânsia dele por te seguir.

Para conversar sobre aquele homem, eu ia precisar de uma mimosa só para mim, por isso, bebi o resto do copo da Anna e fui ao jarro que estava em cima do balcão para voltar a encher-lhe o copo e encher outro para mim.

— Lembras-te de quando tínhamos 17 anos e eu tive aquela paixoneta pelo professor que veio substituir o professor de Inglês, o Sr. Westbrook? — perguntei.

— Como poderia eu esquecer-me? O homem tinha 23 anos e era lindo.

— O Hunter é... Bom, muito sinceramente, não sei o que pensar dele. É indecente, presunçoso, persistente e... sexy como o raio.

— Lindo, financeiramente estável, confiante e sexy como o raio — acrescentou a Anna.

Eu suspirei.

— Sim, tem tudo isso a seu favor. Mas há algo nele, algo que não consigo identificar, que o faz parecer tão proibido como o Sr. Westbrook no secundário.

A Anna arregalou os olhos para o meu reflexo no espelho.

— A sério?!

— Porquê esse sorriso, minha maluca?

— Parece-te proibido porque te fez sentir borboletas no estômago.

— Não fez nada — menti.

Nem sequer percebia bem porque estava a mentir acerca disso. Além disso, as borboletas que eu sentira não eram as que habitualmente se sentiam no estômago. Aquelas pareciam esvoaçar um pouco mais abaixo.

— Fez, sim.

— Não, não fez.

— Então, porque não te deixas ir? Tu própria disseste que o achavas sexy. Estavas a pensar dormir com o Adam, que é incomparavelmente inferior ao Hunter nesse aspeto.

Recordei o que tinha sentido quando o Hunter levava as mãos às minhas ancas, na noite anterior, e voltei a sentir as borboletas. As malvadas estavam de conluio com a Anna para me mostrar algo que eu não estava a querer aceitar.

— Ele é demasiado convencido para mim.

— Tu gostas de homens convencidos. Na verdade, todos os homens com quem saístes eram convencidos.

— Exatamente — disse eu, acenando com a cabeça. — Já tenho que me chegue de homens convencidos.

A Anna sorriu afetadamente e virou-se para o cabeleireiro.

— Ela vai mesmo dormir com ele.

Ele olhou para mim e voltou a olhar para a Anna:

— Eu sei.

O Derek e a Anna casaram numa falésia com vista para o mar e, apesar da minha aversão a casamentos, eu chorei de felicidade. Reparei que alguns dos amigos do noivo também estavam com os olhos marejados de lágrimas. Um deles em especial parecia estar a prender-me a atenção. Depois de o Hunter me apanhar duas vezes a tirar-lhe as medidas — pois estava podre de sexy, de smoking e cabelo penteado para trás — coibi-me de olhar para ele durante o resto da cerimónia e durante a primeira hora do banquete. Isto não foi tarefa fácil, uma vez que ficámos sempre muito próximos no desempenho dos nossos deveres, na festa de casamento, mas acabei por conseguir.

Até à altura em que estava a dançar um *slow* com o pai da Anna.

— Posso interromper? — disse o Hunter, tocando levemente no ombro do Mark. — Estás a monopolizar a convidada mais bonita do casamento.

O pai da Anna sorriu e sacudiu o dedo ao Hunter.

— A tua sorte é teres dito *convidada*, porque a minha noiva está lindíssima esta noite.

Os dois homens deram umas palmadas nas costas um do outro e eu dei comigo nos braços do Hunter. Ao contrário do Mark, que manteve o corpo educadamente distante do meu enquanto dançávamos, o Hunter agarrou-me numa das mãos e levou a outra ao fundo das minhas costas, usando-a para me aproximar de si. *E que bem que me soube, raios!*

— Está a apertar-me um bocadinho demais.

— Apenas para ter a certeza de que não vais voltar a fugir.

Eu afastei a cabeça, enquanto o encarava.

— Voltar a fugir? Eu nunca fugi de ti.

— Chama-lhe o que quiseres. Tens andado a evitar-me como se eu tivesse alguma doença contagiosa.

— E é bem possível que tenhas — resmunguei eu.

Ele ignorou-me.

— Estás linda, esta noite. Gosto do cabelo preso em cima.

— Obrigada.

Ele puxou-me mais contra si, o que me obrigou a virar-me e encostar-me ao seu ombro. Depois, inclinou a cabeça e sussurrou-me ao ouvido:

— Mal posso esperar por o soltar.

Mas que grande lata.

Então, por que carga de água aquela sugestão me agradou, meu Deus?

— Tu não estás bom da cabeça. Aliás, tudo o que me disseste desde que nos conhecemos foi extremamente inconveniente.

— Só tu é que podes dizer com quem planeavas ir para a cama? Eu não posso?

— Eu não falei em ir para a cama com ninguém.

— Quando nos conhecemos, estavas a dizer à Anna que tencionavas ir para a cama com o Adam.

— Isso era uma *conversa pessoal*.

Ele encolheu os ombros.

— Esta também é.

— Mas... — Eu estava sem palavras, em parte porque ele tinha uma certa razão. A meu ver, era perfeitamente aceitável falar sobre dormir com alguém a uma terceira pessoa, mas achava errado que ele fosse franco ao ponto de abordar diretamente o assunto com a potencial candidata. Não fazia grande sentido, mas eu agarrei-me a um argumento que me pareceu lógico. — Eu não fui explícita. Tu, pelo contrário, falas nisso de uma forma grosseira. Não é o que dizes, mas sim a forma ofensiva como o dizes.

— Então não gostas de conversa obscena. Talvez nunca ninguém a tenha feito como deve ser.

— Já tive conversas dessas, muito boas, aliás.

— Então *sempre* gostas de conversa obscena.

Aquele homem era impossível. Felizmente, para a minha saúde mental e talvez até presença de espírito, a música que estávamos a dançar terminou e o DJ anunciou que era hora de jantar. Mas nem assim o Hunter se decidia a largar-me.

— A música acabou. Já podes largar-me.

— Reservas-me uma dança, mais tarde?

Eu dirigi-lhe um grande sorriso:

— Nem pensar.

É claro que o Hunter gostou da resposta, riu-se baixinho e beijou-me a testa.

— Aposto que tu és um arraso na cama. Mal posso esperar por descobrir.

— Aproveite a sua noite, Sr. Delucia.

Enquanto saía da pista de dança, senti-o de olhos pregados no meu rabo.

Eu estava legalmente divorciada há apenas 18 meses e não tencionava voltar a casar, por isso, quando chegou o momento obrigatório em que a noiva lança o bouquet, fiquei sentada. Mas é claro que a Anna não o permitiria. Arrancou o microfone das mãos do DJ e insistiu para que eu e algumas outras, que também tentavam escapar-se daquele ritual em particular, fôssemos imediatamente para a pista de dança. Eu preferi não fazer uma cena e fiz-lhe a vontade, embora me isolasse, intencionalmente, de um dos lados da pista. Não queria nada com aquele bouquet.

O DJ incitou o público a iniciar a contagem decrescente para o lançamento, e a Anna foi para o meio da pista de dança, de costas viradas para as ansiosas celibatárias.

— Três, dois, um!

Mas, em vez de lançar a bouquet por cima cabeça, como seria esperado, a noiva virou-se e atirou-o diretamente para o sítio onde eu estava, de um dos lados da pista, o que me levou a apanhar, instintivamente, o ramo de flores que voou na minha direção.

Grrr. Estava capaz de a matar.

Sobretudo quando olhei para o lado oposto da sala e vi o Hunter estalar teatralmente os nós dos dedos e retribuir-me o olhar com um dos seus sorrisos típicos.

Dez minutos depois, estava junto da Anna a ver a pista de dança encher-se de homens solteiros, ansiosos por apanharem a liga que o marido da noiva acabara de tirar. Agarrei-me a uma vodca de mirtilo bem forte, para o caso de vir a precisar de um pouco de coragem em estado líquido.

— Se o Hunter apanhar aquilo, eu mato-te.

— Normalmente, quanto maior é a culpa, mais se reclama.

— Pois. E quem se põe a jeito, depois arrepende-se — retorqui.

— Ele é, de facto, um tipo impecável. Antes ele do que outros que conheço a meter-te as mãos por baixo do vestido.

— Se ele é assim tão fantástico, explica-me lá outra vez porque não foi o meu par.

A Anna suspirou.

— Ele é inteligente, confiante e absolutamente encantador.

— Mas...

— Mas também o conheço há quatro anos e, de cada vez que o vejo, está com uma mulher deslumbrante diferente. Achei que ias querer outro tipo de pessoa depois do Garrett.

Emborqueei metade da bebida ao ouvir falar do meu ex-marido.

— Porque será que os sacanas me atraem?

— Porque são atraentes. Em parte, é isso que os leva a tornarem-se uns sacanas. O Hunter não é mau tipo, tenho a certeza disso. Aposto que é ótimo na cama. Se eu estivesse no teu lugar, preferiria ter um caso de uma noite com o Hunter do que com o Adam. — Virou-se para me encarar. — O lema do Hunter é: sexo, sim; amor, não. Desde que mantinhas isso em mente, aposto que vais delirar.

Um súbito clamor de vozes voltou a chamar a nossa atenção para o que se estava a passar na festa. Não tínhamos assistido ao lançamento da liga do Derek, mas era impossível não reparar no sorriso convencido do homem que estava a girá-la no dedo, enquanto olhava na minha direção.

— Não me digas que estão a seguir a tradição da Costa Leste em que o tipo que apanha a liga a coloca na perna da mulher que apanha o bouquet?

A Anna sorriu afetadamente.

— Digo, digo.

O álcool subiu-me à cabeça. Depois de beber uma vodca de mirtilo que fui buscar enquanto estive com a Anna, pedi outra, que bebi em tempo record. Por isso, quando o DJ pôs uma cadeira no centro da pista de dança e me chamou, já eu estava agradavelmente entorpecida. Os noivos juntaram-se a nós, e o resto dos convidados reuniram-se em redor.

— Porque não se senta, Nat? — disse o DJ, batendo ao de leve na cadeira. — A nossa linda noiva deixou a escolha da música ao critério do cavalheiro que apanhou a liga, e eu achei que deveríamos deixá-la ouvir um pouco, para ver se lhe agrada, uma vez que é debaixo do seu vestido que ele vai estar.

O DJ carregou no botão do seu *iPad* e a música começou a tocar — *You Shook Me All Night Long*, dos AC/DC, para ser mais específica. Dez segundos depois, carregou noutro botão e a música parou.

Depois, voltou a falar ao microfone.

— Então? O que lhe parece? Será que o Hunter escolheu a música certa para a noite?

Eu abanei a cabeça, sob um coro de gargalhadas, e os olhos do Hunter cintilaram.

— Muito bem, então. Talvez seja melhor deixá-la escolher a música. Deve ter algo mais adequado em mente, não?

Pensei por alguns instantes e depois fiz sinal ao DJ para se baixar, para poder segredar-lhe a minha escolha ao ouvido.

Ele sorriu e carregou em mais alguns botões no seu *iPad*, antes de se dirigir ao Hunter:

— Estou a começar a sentir aqui uma certa disparidade. Talvez as vossas escolhas musicais contenham mensagens ocultas destinadas um ao outro.

O Hunter olhou para mim e eu encolhi os ombros, no instante em que o DJ pôs a música que eu escolhera. A *Ridin' Solo*, do Jason Derulo, ecoou nas colunas, por cima de nós, e o Hunter atirou a cabeça para trás a rir às gargalhadas. Depois de todos se rirem um bom bocado, o DJ disse a toda a gente que achava que a coisa correria melhor se fosse ele a escolher a música.

Por isso, o Hunter baixou-se sobre um joelho ao som de *Single Ladies*, da Beyoncé. É claro que não foi minimamente discreto. Girou a liga no indicador, brindando em simultâneo os espetadores com um sorriso deslumbrante. Depois, levantou-me lentamente a perna, beijou-me o peito do pé e fez deslizar a liga pela barriga da minha perna.

— Teremos aqui um cavalheiro? — perguntou o DJ ao microfone. — Ou será que ela a subirá mais?

O brilho malicioso nos olhos do Hunter revelou-me que a sua intenção era *não* ser cavalheiro e, nos minutos que se seguiram, foi empurrando lentamente a liga pela minha perna acima, por entre o coro de vozes dos convidados do sexo masculino que gritavam em uníssono «mais acima». Mas ele não se limitou a empurrá-la para cima. Ao mesmo tempo que o fazia, ia-me acariciando indolentemente a parte interior da coxa com o polegar. Quando chegou a meio da minha coxa, apertou-me a perna para chamar a minha atenção e ficámos de olhos pregados um no outro.

E, depois, a sua mão continuou a subir.

Irritou-me não o ter impedido. Irritou-me ter ficado com as mãos obedientemente caídas, de ambos os lados do corpo, e que a minha voz habitualmente sonora me tivesse ficado presa na garganta como se alguém me tivesse amordaçado. Mas não havia como negar as reações do meu corpo, e aquela mão abalou-me profundamente. Os meus mamilos endureceram, a minha respiração tornou-se superficial, e eu fiquei com pele de galinha. Fiquei mais excitada do que seria conveniente. E não era só a mão que me estava a excitar, era também a forma como ele me estava a observar. Não me restava a mais pequena dúvida de que ele estava tão excitado como eu, e isso deixou-me satisfeita.

O Hunter foi roçando a ponta dos dedos pela parte interior da minha coxa a um ritmo lento e sensual, até alcançar as minhas virilhas. Sentia o calor da sua mão irradiar por entre as minhas pernas.

Embora tivéssemos uma multidão a assistir, o meu vestido de dama de honor não permitia que ninguém visse até onde ele chegara e, apesar de toda aquela cena incrivelmente erótica me parecer desenrolar-se em câmara lenta, a Beyoncé continuava a cantar às mulheres solteiras.

O Hunter baixou a mão até ao meu joelho e apertou-o, ao inclinar-se para mim:

— Não te atrevas a dizer que eu fui o único a sentir isto.

O DJ pediu uma salva de palmas a todos os presentes. O Hunter beijou-me a face, levantou-se e estendeu-me uma mão para me ajudar a pôr-me de pé. Eu ainda estava completamente aturdida.

A Anna franziu o sobrolho.

— Estás bem?

Eu pigarreei.

— Preciso de uma bebida.

— E que tal irmos os quatro tomar uma bebida ao bar? — disse o novo marido da Anna.

Uma bebida que se transformou em duas, depois três, e depois...

Três

Natalia

Meu Deus, sinto-me horrivelmente mal.

Sentia a cabeça a latejar e os músculos doridos. Tinha uma mancha húmida na almofada, pois devia ter passado metade da noite a babar-me. Olhei em redor, sem levantar a cabeça, e vi a minha mala de viagem sobre um móvel, a um canto. *Jesus, não me lembro sequer de voltar para o quarto de hotel.* Ainda assim, fiquei bastante satisfeita por estar ali e não na porta ao lado. Tentei pensar na última coisa de que me lembrava. Lembrava-me de apanhar o bouquet e de o Hunter apanhar a liga. Lembrava-me da *mão dele debaixo do meu vestido.*

Oh, meu Deus, mesmo no estado miserável em que estava, aquela recordação parecia continuar a despertar algo dentro de mim.

Lembrava-me de irmos os quatro ao bar — eu, a Anna, o Derek e o Hunter — e de o Hunter brindar às três coisas mais necessárias na vida — uma garrafa cheia, um bom amigo e uma linda mulher — *e ao homem que agora tinha tudo isso.* Lembrava-me de a Anna e o Derek serem chamados para tirar fotografias, de o Hunter pedir mais uma rodada e de me contar histórias da infância dele e do Derek. É indiscutível que ele tem um encanto natural, mas a forma como falava do amigo foi igualmente enternecedora.

Depois disso, as minhas memórias eram vagas. Não me lembrava de todo de sair copo-d'água nem de voltar para o hotel. Levei a mão à mesa de cabeceira e agarrei no telemóvel para ver as horas. *Merda.* Eram quase 10 horas e o meu voo saía às 13 horas. Quando me dispus a arrastar o corpo cansado para fora da cama, um ruído súbito paralisou-me.

Quase parecia alguém a ressonar.

Alguém a ressonar profundamente.

Como estava deitada de lado, virei bruscamente a cabeça na direção do som.

E fiquei gelada ao descobrir a sua origem.

Gelada.

Estou convencida de que o coração me parou por instantes.

Estava um homem deitado na minha cama, virado para o outro lado e, a avaliar pela largura dos seus ombros, percebi que não era um homem qualquer. Ainda assim, precisava de o confirmar. Contive a respiração, inclinei-me sobre aquele corpo enorme e espreitei-lhe para o rosto. No instante em que percebi que era o Hunter, ele voltou a ressonar ruidosamente, e eu saltei da cama. Assim que me recompus, fiquei imóvel de pé, sem querer acordá-lo.

Merda. O que fiz eu?

Fui para a casa de banho em bicos de pés, com o coração aos pulos, tentando desesperadamente lembrar-me de algo da noite anterior — qualquer coisa que envolvesse o Hunter Delucia depois de este estar dentro do meu quarto.

Dentro de mim.

Aquilo era mais aflitivo do que a minha pior noitada na universidade. Como era possível que não me lembrasse de nada? O meu reflexo no espelho deu-me a resposta. Estava com um ar doentíssimo. O meu cabelo cor de asa de corvo parecia um ninho de ratos, meio espetado, meio caído, com ganchos pendurados. A minha pele, normalmente clara, estava mais macilenta do que era habitual e os meus olhos verdes estavam inchados e vermelhos.

Foi então que olhei finalmente para baixo. Estava de t-shirt e calças de fato de treino, mas, por baixo, ainda estava de cuecas e soutien. O facto de não me lembrar *de me ter vestido* não era importante, mas tive de parar para pensar *porque é que* estava vestida. Quando tirava o soutien, não voltava a pô-lo. Além disso, não me envergonhava do meu corpo. Voltar a vestir-me por completo, depois de uma noite de paixão, não era, de todo, o meu estilo.

Seria possível que tivéssemos dormido juntos *sem sexo*?

Levei a mão às minhas calças de fato de treino e carreguei nas minhas partes íntimas. Não estavam doridas, embora isso não provasse nada — talvez aquele homem enorme, que agora ressonava na minha cama, tivesse uma deficiência anatômica e fosse um amante delicado. Mas nenhuma das possibilidades me parecia plausível.

Verifiquei o caixote do lixo à procura de vestígios de preservativos, e as toalhas no toalheiro para ver se alguma fora usada para nos limparmos na noite anterior. Nada. E, no entanto, eu estava num estado deplorável — como depois de uma noite de sexo selvagem...

Infelizmente — ou talvez felizmente —, eu não tinha tempo para ficar a matutar no que acontecera. Se não me pusesse a caminho do aeroporto dentro de 15 minutos, acabaria por perder o meu voo.

Tomei um duche rápido, enxuguei-me e voltei para junto da minha mala em bicos de pés. Reuni a minha roupa, mas não encontrei em lado nenhum a liga que estivera na origem de toda aquela confusão. Confesso que fiquei um pouco triste por não a poder levar comigo como recordação.

O Hunter continuava sem se mexer. Na verdade, estava agora a ressonar mais alto e numa cadência mais constante. Vesti-me a correr, preendi o cabelo num rabo de cavalo e esfreguei um pouco de creme hidratante na cara, antes de guardar tudo dentro da mala.

Quando estava prestes a escapar-me para fora do quarto, decidi que tinha de saber o que acontecera. Deixei a mala junto da entrada para me poder escapar rapidamente e encaminhei-me em silêncio para o lado da cama do Hunter.

É claro que ele estava com tão boa aparência agora como na noite anterior, ao contrário de mim. Perdi alguns momentos a apreciar isso mesmo. O seu cabelo acobreado estava desgrenhado, mas parecia mais sexy ainda do que penteado para trás, como o tinha na noite anterior. Longas pestanas escuras emolduravam-lhe os olhos amendoados — olhos esses que sabia serem de um tom de azul surpreendentemente claro.

Continuava a ressonar suavemente, a um ritmo constante, por isso, respirei fundo e aproximei-me um pouco mais. Precisava de espreitar por baixo do lençol. Ele estava de tronco nu, mas teria as calças vestidas?

Dei mais um passo.

Parei de novo para olhar para o seu rosto, antes de fazer o que tinha a fazer. Ele continuava a dormir profundamente ou, pelo menos, *era o que eu pensava*.

Levei a mão à ponta do lençol e ergui-o muito delicadamente, inclinando-me depois para a frente para espreitar por baixo.

Oh, diabos.

Estava de boxers.

Mas estava com uma ereção matinal. Uma *enorme* protuberância destacava-se na roupa interior justa. Aquela coisa não podia ter estado dentro de mim, senão eu estaria, pelo menos, um bocadinho dorida.

Sentindo-me aliviada (ainda que com uma estranha sensação mista de pesar e desejo, depois de ver aquele apêndice gigantesco), voltei a baixar o lençol e virei-me para me ir embora, mas uma mão enorme agarrou-me pelo pulso.

— Não te terias esquecido, querida, acredita — disse ele. Havia uma nota de humor na sua voz grave.

— Eu... eu estava procura de uma coisa.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ah, sim? De que é que estavas à procura?

— Do meu sapato.

O lábio dele estremeceu.

— De que cor é o sapato?

Dei voltas à cabeça para me lembrar de que sapatos trouxera para aquela viagem.

— Preto, com uma barra prateada à frente.

Ele baixou os olhos para os meus pés. *Porra.*

Depois, voltou a olhar para mim:

— Encontrei-o por ti.

Baixei os olhos para os sapatos para evitar o seu olhar intenso.

— Oh, mas que tonta. É que me deixei dormir e não me sinto muito bem. Tenho de me despachar, senão perco o avião. — Tentei afastar-me, mas ele apertou-me mais o pulso.

— Não vais sair daqui enquanto não fizeres duas coisas.

— Duas coisas?

— Deixares-me o teu número de telemóvel e despedires-te de mim com um beijo.

— Eu... eu... Tu ainda não lavaste os dentes.

Ele riu-se baixinho. Era como se visse todas as minhas desculpas à transparência. Levou a mão à mesa de cabeceira, agarrou no telemóvel e estendeu-o na minha direção antes de se levantar.

— Ainda há pasta de dentes na casa de banho?

— A pequenina que o hotel fornece.

— Eu escovo os dentes. Tu escreves o número.

Enquanto ele estava na casa de banho, pensei em não escrever nada no telemóvel. Estava fora de questão manter-me em contacto com um homem que vivia a quase cinco mil quilómetros de distância. Um tipo como ele era o que menos me convinha agora. Depois, pensei que seria melhor *dizer-lhe* que introduzira o meu número. Mas, como ele parecia conseguir ler-me rapidamente, acabei por escrever o meu nome e o meu número, alterando apenas os dois últimos dígitos.

E ainda bem, porque a primeira coisa que fez, assim que voltou da casa de banho, foi verificar se eu tinha inserido algum contacto. Felizmente, não tentou ligar-me. Atirou com o telemóvel para cima da cama, satisfeito, e acenou com a cabeça.

— Obrigado. Agora beija-me.

Eu percebi que ele não me deixaria ir embora enquanto eu não o fizesse. Por isso, abandonei a ideia de chegar a tempo ao aeroporto, pus-me em bicos de pés e beijei-o brevemente nos lábios.

Hum... um beijo suave e agradável (com um refrescante sabor a menta).

— Bom... foi um prazer conhecer-te. — Dei meia-volta, com o intuito de sair a correr, mas o Hunter voltou a agarrar-me pelo pulso.

— Eu disse para me beijares.

— E eu beijei!

— Beija-me da mesma forma que me beijaste ontem à noite.

Antes que eu pudesse tentar sequer digerir aquilo, ele puxou-me contra si. Levou uma das suas mãos enormes à minha nuca e apertou-a firmemente, para me colocar a cabeça na direção pretendida, esmagando depois os seus lábios contra os meus.

A surpresa de sentir a sua boca colada à minha depressa se dissipou, ao senti-lo lambe-me os lábios para me encorajar a abri-los. Mergulhou a língua na minha boca e gemeu, inclinando-me a cabeça para me beijar mais profundamente. O som propagou-se entre ambos e eu senti todo o meu corpo vibrar. Depois disso, a suavidade e a delicadeza foram pelo cano abaixo. Agarrou-me pelas nádegas e ergueu o meu corpo contra o seu, enrolando-me as pernas à volta da sua cintura. Quando ele recuou contra a parede, fui dominada por uma sensação familiar. Não conseguia recordar-me dos detalhes específicos do nosso beijo anterior, mas, no meu íntimo, sabia como este me fizera sentir.

Larguei o telemóvel para poder mergulhar os dedos no seu cabelo macio e arrepanhei-o. Sentia-me insaciável. Um gemido gutural, vindo do fundo do meu peito, atravessou os nossos lábios unidos. Ele encostou mais o corpo ao meu e eu senti a sua volumosa ereção entre as minhas pernas abertas. Ele começou a balouçar o corpo enquanto me beijava, provocando fricção entre as duas camadas de roupa, o que me aproximou do êxtase que eu julgava ser impossível sentir totalmente vestida.

Era como se quisesse engolir-me inteira e, naquele momento, eu tê-lo-ia permitido. Os meus seios estavam esmagados contra o seu peito e eu senti um coração bater desenfreadamente, só não sabia se era o meu ou o dele. *Meu Deus, onde será que se aprende a beijar desta maneira?*

Quando interrompemos o beijo, eu estava ofegante e aturdida. Antes de me soltar, ele sugou-me o lábio inferior e trincou-o, antes de me libertar a boca.

Estava com uma voz tensa.

— Altera o teu voo. Isto não vai ficar por aqui.

Eu engoli em seco, tentando recuperar a compostura.

— Não posso — respondi eu, praticamente num sussurro. Foi tudo o que consegui dizer.

— Não podes ou não queres?

— Não posso. A Izzy chega hoje.

O Hunter afastou a cabeça, dando-me algum espaço para respirar e falar.

— A Izzy?

— Sim. A minha enteada, que me odeia.

Quatro

Hunter

12 anos antes

Raios. *Vim parar à escola errada.*

Não me recordo de nenhum dia mais quente do que aquele. No rádio do carro diziam que já estavam 40 graus, mas era a invulgar humidade de Los Angeles que tornava o calor insuportável. Como faltavam ainda algumas horas para me encontrar com o meu irmão e não me orientava bem no *campus*, sentei-me numas escadas de tijolo, do lado oposto de uma fonte, em campo aberto, esperando apanhar uma brisa. A brisa não apareceu, mas vi algo bem melhor. Uma miúda linda de morrer encaminhou-se para a fonte circular, a cerca de 30 metros, tirou os sapatos, subiu para cima da borda da fonte e saltou lá para dentro. Depois, mergulhou e veio à superfície respirar, afastando do rosto o cabelo louro encharcado.

As pessoas que passavam olhavam para ela, mas ela não parecia reparar nem dar a mínima importância a isso, continuando a flutuar, de barriga para cima, em não mais do que 60 centímetros de água. O seu sorriso era contagioso e eu dei comigo como que enfeitado a observá-la. A minha mãe morrera há quase um mês e eu não me sentia assim feliz e livre há uma eternidade.

Minutos depois, a rapariga sentou-se e olhou na minha direção.

— Vens fazer-me companhia ou vais ficar aí a observar-me como um anormal?

Eu olhei em redor, para ter a certeza de que ela estava a falar comigo. Não havia mais ninguém por perto, por isso, levantei-me e dirigi-me para a fonte.

— Isto é uma prova de iniciação de alguma fraternidade?

Ela sorriu.

— Sentir-te-ias melhor se eu te dissesse que sim? É que estavas dali a olhar para mim como se eu fosse uma anormal.

— Eu não estava a olhar para ti como se fosses uma anormal.

— Foi o que me pareceu.

Descalcei-me e subi para a fonte.

— Estava a olhar para ti e a interrogar-me se sorrias sempre assim ou se foi o simples facto de te refrescares que te fez sentir feliz.

Ela inclinou a cabeça para o lado, como que a estudar-me:

— Há algum motivo para não nos sentirmos felizes? Estamos vivos, não estamos?

A água fresca estava a saber-me maravilhosamente. Flutuámos em silêncio durante algum tempo, sorrindo de cada vez que um de nós apanhava o outro a observá-lo.

— Eu sou a Summer — disse ela.

— Hunter.

— Gostas do calor?

— De tanto calor, não.

— Qual é a tua estação do ano preferida, Hunter?

Eu sorri afetadamente:

— O verão¹.

Ela bateu os pés até à beira da fonte e apoiou os cotovelos na beirada de tijolo, observando o repuxo contínuo no meio. Eu fiz o mesmo, colocando-me ao lado dela e tentando não olhar para os seus mamilos salientes, por baixo da t-shirt molhada, o que não foi tarefa fácil.

A Summer virou-se e olhou para mim.

— Frequentas alguma escola daqui?

— Não. É o meu irmão que frequenta. Vim passar o fim de semana com ele. E tu? Frequentas alguma escola daqui ou vieste apenas refrescar-te à fonte?

Ela tinha um sorriso deslumbrante como um raio de sol.

¹Trocadilho com Summer (= verão), o nome da rapariga. [N. T.]

— Frequento um curso de Arte.

Ela afastou-se da beira da fonte e nadou para o outro lado. Eu observei-a, intrigado com o seu comportamento arbitrário. Assim que voltou a parar, colocou as mãos em concha, de ambos os lados da boca, para me gritar, embora a fonte não fosse assim tão grande:

— Verdade ou consequência?

Aquela rapariga era estranha. Estranha e linda de morrer. Quem diria que o bizarro e a beleza se poderiam combinar de forma tão sexy?

— Verdade! — gritei eu em resposta.

Ela franziu o rosto de uma forma engraçadíssima, batendo ao de leve com o dedo no queixo. Quando percebeu o que ia perguntar, o seu rosto iluminou-se de tal maneira, que só faltou mesmo acender-se uma lâmpada por cima da sua cabeça. Eu ri-me para comigo mesmo.

— De que é que tens mais medo? — gritou ela.

A resposta mais natural seria «da morte», uma vez que perdera a minha mãe há pouco tempo. Ou talvez uma resposta mais corriqueira, como, por exemplo, «aranhas» ou «alturas». Porém, decidi responder-lhe com aquela honestidade sem filtros que só servia para me arranjar problemas.

— De que me partas o coração.

Se este homem delicioso pensa que me pode seduzir...

Conheci o Hunter Delucia no casamento dos nossos melhores amigos. Eu apanhei o bouquet da noiva, ele apanhou a liga, e, porque a tradição assim o dita, dançámos juntos... *muito* juntinhos. Desde o primeiro momento, achei-o presunçoso, mulherengo e (para mal dos meus pecados) incrivelmente sensual. Até que ele me sussurrou ao ouvido uma proposta indecente: explorar a nossa atração mútua com uma noite de sexo intenso e explosivo.

Mas que convencido! Rejeitei-o, claro está! Ele é de tirar o fôlego, mas a experiência diz-me que tenho azar com os homens que me fascinam.

Ah, mas o Hunter Delucia não desiste facilmente! Passado um ano, ele está de regresso a Nova Iorque e torna a pôr a proposta em cima da mesa, para acabarmos de vez com toda a tensão sexual que existe entre nós.

Oito semanas de sexo estupendo sem compromisso? O que é que eu tinha a perder?

**... está muito enganado.
(Bem, mas há coisas que não se planeiam...)**

Leia também os divertidos
romances de escritório
da mesma autora:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-54-6



Romance Erótico